

1. O chamado de Cthulhu
2. Dagon
3. A música de Erich Zann
4. O horror de Dunwich
5. A sombra fora do tempo
6. Os ratos nas paredes
7. Os gatos de Ulthar
8. A cor que caiu do espaço

Landmarks

1. Cover

O CHAMADO DE CTHULHU

(Encontrado entre os papéis do falecido Francis Wayland Thurston, de Boston)

“No que tange a tais grandes poderes ou seres, pode-se conceber uma sobrevivência... Uma sobrevivência de um período extremamente remoto, quando a consciência talvez se manifestasse por meio de formas e linhas há muito desaparecidas, antes da maré crescente da humanidade... Formas das quais somente a poesia e a lenda guardam uma lembrança fugaz, chamei-as de deuses, monstros, seres míticos de todos os tipos e espécies...” – Algernon Blackwood

I. O HORROR NO BARRO

A coisa mais misericordiosa do mundo, penso eu, é a incapacidade da mente humana de correlacionar todo o seu conteúdo. Vivemos em uma ilha plácida de ignorância no meio dos mares negros do infinito, e isso não significa que devemos ir muito longe. As ciências, cada uma esforçando-se em sua própria direção, até agora nos prejudicaram pouco, mas algum dia a junção de todo esse conhecimento fragmentado levará a visões aterrorizantes da realidade e de nossa assustadora posição, quando enlouqueceremos diante da revelação ou fugiremos da luz mortífera para

a paz e a segurança de uma nova era das trevas.

Os teosofistas presumiram a espantosa grandeza do ciclo cósmico, em que nosso mundo e nossa raça humana formam nada mais que incidentes efêmeros. Eles sugeriram estranhos sobreviventes em termos que fariam nosso sangue congelar se não fossem mascarados por um otimismo insípido. Mas eles não foram responsáveis pelo único vislumbre de éons proibidos que me arrepiam quando penso no assunto e me enlouquecem em sonhos. Esse vislumbre, como todos os vislumbres assustadores da verdade, brotou de uma junção accidental de coisas separadas; nesse caso, um velho artigo de jornal e as anotações de um professor já falecido. Espero que ninguém mais o faça. Certamente, se eu viver, nunca fornecerei um elo sequer para uma corrente tão horrenda. Acredito que o professor também pretendia manter silêncio sobre o que sabia, e teria destruído suas anotações se a morte não tivesse se apoderado dele subitamente.

Meu conhecimento sobre o tema começou no inverno de 1926-27, com a morte do meu tio-avô George Gammell Angell, professor emérito de Línguas Semíticas da Universidade Brown, em Providence, Rhode Island. O professor Angell era amplamente conhecido como uma autoridade em inscrições antigas e frequentemente tinha seus serviços utilizados por chefes de importantes museus, de modo que seu falecimento, aos 92 anos de idade, é lembrado por muitas pessoas. Localmente, o interesse foi intensificado pela obscuridade da causa de sua morte. O professor caiu enquanto voltava de barco de Newport. Tombou repentinamente, conforme testemunhas disseram, depois de esbarrar fortemente em um homem negro de aparência de marinheiro que tinha vindo de um dos estranhos pátios escuros na encosta íngreme que servia de atalho entre a orla e a casa do falecido, na rua Williams. Os médicos foram incapazes de encontrar qualquer problema aparente, mas concluíram, depois de debaterem a causa, que alguma lesão cardíaca obscura, induzida pela rápida escalada de uma colina tão íngreme por um homem tão idoso, foi responsável por seu fim. Na época, não vi razão para discordar desse consenso, mas ultimamente estou inclinado a imaginar – e mais do que imaginar.

Como herdeiro e testamentário de meu tio-avô, que morrera sem deixar esposa nem filhos, esperava-se que eu examinasse seus

documentos com alguma seriedade, e foi com esse propósito que enviei todo o seu conjunto de arquivos e caixas para os meus aposentos em Boston. Uma grande parte do material que correlacionei será publicado mais tardiamente pela American Archaeological Society, mas havia uma caixa extremamente intrigante, e me senti muito avesso a que outros olhos a vissem. Ela estava trancada e eu não encontrava a chave, até que me ocorreu examinar o chaveiro que o professor carregava sempre no bolso. Então, na verdade, consegui abri-la, mas, quando o fiz, tive de transpor uma barreira ainda maior e mais difícil. Qual seria o significado do estranho baixo-relevo em argila e das anotações, das divagações e dos recortes desconexos que encontrei? Será que meu tio-avô, em seus últimos anos, tornou-se crédulo das imposturas mais superficiais? Resolvi procurar o excêntrico escultor responsável por essa aparente perturbação da paz de espírito de um idoso.

O baixo-relevo era um retângulo áspero com menos de 2,5 centímetros de espessura e cerca de 12,7 por 15,7 centímetros de área; obviamente, tinha origem moderna. Os entalhes, no entanto, estavam longe de apresentar uma atmosfera moderna, pois, embora os caprichos do cubismo e do futurismo sejam diversos e selvagens, eles nem sempre reproduzem essa regularidade enigmática que se esconde nas escritas pré-históricas. E a maior parte desses detalhes parecia certamente ser algum tipo de escrita, mas minha memória, apesar da grande familiaridade com os papéis e as coleções de meu tio-avô, não conseguia de alguma forma identificar essa espécie em particular, nem mesmo sugerir suas afiliações mais remotas.

Acima desses hieróglifos aparentes havia um entalhe evidentemente pictórico, embora sua execução impressionista proibisse uma ideia muito clara sobre sua natureza. Parecia ser uma espécie de monstro, ou um símbolo representando um monstro, de uma maneira que só uma mente doentia poderia conceber. Se eu disser que minha imaginação um pouco extravagante produziu imagens simultâneas de um polvo, um dragão e uma caricatura humana, não serei infiel ao espírito da coisa. Uma cabeça carnuda e tentacular se sobrepujava de um corpo grotesco e escamoso com asas rudimentares, mas a silhueta era o que tornava a criatura ainda mais assustadora. Por trás da figura havia uma vaga sugestão de um pano de fundo arquitetônico ciclópico.

A anotações que acompanhavam esse estranho objeto, além de uma pilha de recortes de imprensa, continham a mais recente caligrafia do professor Angell, e não fingiam um estilo literário. O que parecia ser o documento principal estava intitulado “O CULTO A CTHULHU” em caracteres meticulosamente desenhados para evitar a leitura errônea de uma palavra tão inédita. O manuscrito foi dividido em duas seções, a primeira das quais foi intitulada “1925 – Sonho e Obra de H. A. Wilcox, rua Thomas 7, Providence, RI”, e a segunda, “Relato do Inspetor John R. Legrasse, rua Bienville 121, Nova Orleans, Louisiana, Congresso da A. A. S. em 1908. – Notas sobre o Insp. e Depoimento do Professor Webb”. Os outros artigos do manuscrito eram todos notas breves, algumas delas relatos dos estranhos sonhos de diferentes pessoas, alguns deles citações de livros e revistas teosóficas (notavelmente de *Atlantis e Lemúria*, de W. Scott-Elliot), e o restante comentava sobre sociedades secretas e cultos misteriosos que sobrevivem há tempos, com referências a passagens em fontes mitológicas e antropológicas como *O ramo de ouro*, de Frazer, e *O Culto da Bruxa na Europa Ocidental*, de Margareth Murray. Os recortes aludiam em grande parte às doenças mentais bizarras e aos surtos de loucura ou de histeria coletiva na primavera de 1925.

A primeira metade do manuscrito principal contava uma história muito peculiar. Parece que, no dia 1º de março de 1925, um jovem magro e moreno, de aspecto neurótico e exaltado, havia procurado o professor Angell trazendo o singular baixo-relevo de barro, que estava então extremamente úmido e fresco, em mãos. Seu cartão tinha o nome de Henry Anthony Wilcox, e meu tio-avô o reconheceu como o filho mais novo de uma excelente família que ele conhecia pouco, que estudara escultura na Escola de Design de Rhode Island e morava sozinho no Edifício Fleur-de-Lys, perto dessa instituição. Wilcox era um conhecido jovem precoce, de grande excentricidade, e desde a infância despertara a atenção de todos pelas estranhas histórias e sonhos inusitados que costumava contar. Ele mesmo dizia sofrer de uma “hipersensibilidade psíquica”, mas o povo sério da antiga cidade comercial o tratava meramente como “estranho”. Nunca se misturava muito com os de sua espécie, havia negado gradualmente a visibilidade social e agora era conhecido apenas por um pequeno grupo de estetas de outras cidades.

Até mesmo o Providence Art Club, preocupado em preservar seu conservadorismo, achava-o um caso totalmente perdido.

Na ocasião da visita, de acordo com o manuscrito do professor, o jovem escultor recorreu abruptamente ao conhecimento arqueológico do seu anfitrião para identificar os hieróglifos no baixo-relevo. Falava de uma maneira sonhadora e empolada, que sugeria uma certa pose e falta de simpatia; e meu tio-avô demonstrou certa nitidez ao responder, pois o frescor conspícuo da tabuleta indicava falta de parentesco com a arqueologia. A réplica do jovem Wilcox, que impressionou meu tio-avô o suficiente para fazê-lo recordar-se dela mais tarde e registrá-la literalmente, palavra por palavra, era de um viés fantasticamente poético que deve ter permeado toda a sua conversa, e que desde então achei altamente característico dele. Ele disse: “É recente, de fato, porque eu a criei na noite passada, depois de sonhar com cidades estranhas; e os sonhos são mais antigos do que as reminiscências de Tiro, ou a contemplativa Esfinge, ou a Babilônia cercada por jardins”.

Foi então que ele começou um relato desconexo que, de repente, tocou uma lembrança adormecida e conquistou o interesse febril de meu tio-avô. Houve um ligeiro tremor de terra na noite anterior, o mais considerável na Nova Inglaterra durante alguns anos, e a imaginação de Wilcox foi profundamente afetada. Ao se deitar, ele teve um sonho sem precedentes com grandes cidades ciclópicas feitas de blocos titânicos e grandes monólitos, todos cheios de uma gosma verde e sinistra com o horror latente. Os hieróglifos cobriam as paredes e os pilares, e de algum ponto indeterminado havia surgido uma voz que não era uma voz; uma sensação caótica que só a fantasia poderia transmutar em som, mas que ele tentou processar pela mistura quase impronunciável de letras: “Cthulhu fhtagn”.

Essa desordem verbal foi a chave para a lembrança que empolgou e perturbou o professor Angell. Ele questionou o escultor com rigor científico e estudou com intensidade quase frenética o baixo-relevo em que o jovem se encontrava trabalhando, com frio e vestido apenas com suas roupas de dormir, até que a vigília o pegasse de surpresa desconcertantemente. Meu tio-avô culpou sua velhice, segundo Wilcox, por sua lentidão em reconhecer hieróglifos e desenhos pictóricos. Muitas de suas perguntas pareciam muito fora de propósito para seu visitante,

especialmente aquelas que tentavam conectá-lo com estranhos cultos ou sociedades, e Wilcox não conseguia entender as repetidas promessas de silêncio que lhe foram oferecidas em troca da admissão em alguma seita mística ou pagã amplamente difundida. Quando o professor Angell se convenceu de que o escultor era realmente ignorante de qualquer culto ou sistema de conhecimento críptico, impôs cerco ao visitante com exigências de relatos futuros de sonhos. Isso resultou em bons frutos regularmente, porque, depois da primeira entrevista, o manuscrito registrava visitas diárias do jovem, durante as quais ele relacionava fragmentos surpreendentes de paisagens noturnas cujo mote era sempre alguma terrível visão ciclópica de uma pedra escura e gotejante, com uma voz ou uma inteligência subterrânea soando monotonamente como impactos indescritíveis, exceto pelos sussurros. Os dois sons repetidos com mais frequência são aqueles representados pelas letras “Cthulhu” e “R’lyeh”.

Em 23 de março, o manuscrito continuou, mas Wilcox não apareceu. Investigações em seus aposentos revelaram que ele havia sido atingido por um tipo obscuro de febre e levado para a casa de sua família na rua Waterman. Ele berrara durante toda a noite, despertando vários outros artistas no prédio, e manifestara desde então apenas alternâncias entre inconsciência e delírio. Meu tio telefonou imediatamente para a família e, daquele momento em diante, acompanhou o caso de perto, ligando frequentemente para o escritório do dr. Thobey, na rua Thayer. A mente febril do jovem, aparentemente, meditava sobre coisas estranhas, e o médico estremeceu enquanto falava delas. Não era apenas uma repetição do que ele havia sonhado anteriormente, mas versavam selvagemmente sobre uma coisa gigantesca, de “metros de altura”, que alternava entre andar e se arrastar. Em momento algum ele descreveu completamente esse ser, mas ocasionais palavras frenéticas, repetidas pelo dr. Tobey, convenceram o professor de que ele deveria ser idêntico à monstruosidade sem nome que ele procurara retratar em sua escultura. A referência a esse objeto, acrescentou o médico, era invariavelmente um prelúdio da entrega do jovem à letargia. Sua temperatura, curiosamente, não estava muito acima do normal, mas toda a sua condição sugeria mais uma febre verdadeira do que um problema mental.

No dia 2 de abril, por volta das três da tarde, todos os vestígios da

doença de Wilcox cessaram repentinamente. Ele se sentou na cama, espantado por se encontrar em casa e completamente ignorante em relação ao que acontecera em sonho ou realidade desde a noite de 22 de março. Depois que o médico declarou que estava bem, ele retornou aos seus aposentos em três dias, no entanto não conseguiu mais ser de algum valor para o professor Angell. Todos os vestígios de sonhos estranhos tinham desaparecido com a sua recuperação, e meu tio não manteve nenhum registro de seus pensamentos noturnos depois de uma semana de relatos inúteis e irrelevantes de visões completamente usuais.

Aqui termina a primeira parte do manuscrito, mas as referências a algumas das anotações dispersas me deram muito o que pensar – tanto, de fato, que apenas o ceticismo arraigado formador de minha filosofia poderia explicar minha contínua desconfiança em relação ao artista. As anotações em questão eram descritivas dos sonhos de várias pessoas cobrindo o mesmo período em que o jovem Wilcox recebeu suas estranhas visitas. Meu tio, ao que parece, instituíra rapidamente um corpo prodigiosamente extenso de investigações entre quase todos os amigos que ele podia questionar, solicitando relatos noturnos de seus sonhos e as datas de quaisquer visões notáveis surgidas naquela época. As atitudes ante seu pedido parecem ter sido variadas, mas ele deve, no mínimo, ter recebido mais respostas do que qualquer homem comum poderia ter tratado sem o auxílio de uma secretária. Essa correspondência original não foi preservada, mas suas anotações formavam um resumo completo e realmente significativo. As pessoas comuns, envolvidas na sociedade e nos negócios locais – o tradicional “sal da terra” da Nova Inglaterra – deram uma resposta quase sempre completamente negativa, embora casos esparsos de impressões noturnas inquietas mas sem forma apareçam aqui e ali, sempre entre 23 de março e 2 de abril – o período de delírio do jovem Wilcox. Os homens das ciências foram um pouco menos afetados, embora quatro casos de descrição vaga sugiram vislumbres fugidios de paisagens estranhas, e em um caso mencionou-se um medo de algo sobrenatural.

As respostas mais pertinentes vieram dos artistas e dos poetas, e sei que o pânico teria se espalhado se tivessem sido capazes de comparar suas anotações. Da maneira como estava, faltando-lhes as cartas originais, eu quase suspeitava que o compilador tivesse feito perguntas tendenciosas

ou tivesse editado a correspondência para refletir o que ele havia deliberadamente decidido ver. É por isso que continuei a sentir que Wilcox, de algum modo consciente dos antigos dados que meu tio possuía, quisesse se aproveitar do veterano cientista. As respostas dos estetas contaram uma história perturbadora. De 28 de fevereiro a 2 de abril, grande parte deles sonhara com coisas muito bizarras, sendo a intensidade dos sonhos imensamente mais forte durante o período do delírio do escultor. Mais de um quarto relataram cenas e sons parecidos com os que Wilcox descrevera; e alguns confessaram o medo agudo da gigantesca coisa sem nome visível nos últimos sonhos. Um caso, descrito enfaticamente nas anotações, foi particularmente triste. O sujeito, um arquiteto amplamente conhecido com inclinações para a teosofia e o ocultismo, ficou violentamente insano na data em que o jovem Wilcox adoeceu, vindo a falecer vários meses depois, após gritar incessantemente que fosse salvo de um habitante foragido do inferno. Se meu tio tivesse se referido a esses casos pelo nome, em vez de simplesmente pelo número, eu poderia tentar alguma corroboração e iniciado uma investigação pessoal, mas, da maneira como tudo aconteceu, consegui descobrir apenas alguns deles. Todos, no entanto, comprovavam as anotações na íntegra. Muitas vezes me perguntei se todos os que foram objeto do questionamento do professor pareciam tão confusos quanto esse grupo. É bom que nenhuma explicação jamais chegue até eles.

Os recortes de materiais da imprensa, como eu sugeri, versavam sobre casos de pânico, mania e excentricidade durante o mesmo período. O professor Angell deve ter colocado um departamento apenas para fazer os recortes, pois o número de notas era enorme, e as fontes estavam espalhadas ao redor do mundo. Havia uma sobre um suicídio noturno em Londres, quando um adormecido solitário saltou de uma janela depois de dar um grito horripilante. Também havia uma carta para o editor de um jornal na América do Sul, em que um fanático deduz um futuro terrível de acordo com visões que teve. Um despacho da Califórnia descreve uma colônia de teosofistas vestindo macacões brancos em massa e aguardando alguma “realização gloriosa” que nunca chega, enquanto os recortes da Índia falam cautelosamente de graves conflitos entre nativos no final de março. As orgias voduns se multiplicavam no Haiti, e os postos avançados africanos relatavam

murmúrios sinistros. Oficiais americanos nas Filipinas achavam que certas tribos estavam incômodas nessa época, e os policiais de Nova York se viram cercados por levantinos histéricos na noite de 22 para 23 de março. O oeste da Irlanda também estava cheio de boatos e lendas, e um fantástico pintor chamado Ardois-Bonnot exibiu uma obra blasfêmia chamada “Dream Landscape” no salão de primavera de Paris em 1926. E tão numerosos eram os problemas registrados em hospícios que somente um milagre poderia ter impedido a classe médica de notar paralelismos estranhos e chegar a conclusões mistificadas. Em geral, havia um monte de estranhos recortes e, dito isso, neste momento mal posso conceber o racionalismo insensível com o qual os pus de lado.

No entanto, fiquei convencido de que o jovem Wilcox sabia dos assuntos mais antigos mencionados pelo professor.

II. O RELATO DO INSPECTOR LEGRASSE

Os assuntos mais antigos, que haviam tornado o sonho e o baixo-relevo do escultor tão significativos para o meu tio, formavam o tema da segunda metade de seu longo manuscrito. Uma vez antes, parece, o professor Angell tinha visto os contornos infernais daquela monstruosidade sem nome, indagado sobre os hieróglifos desconhecidos, e ouvido as sinistras sílabas que só podem ser traduzidas como “Cthulhu”, e tudo isso em uma conexão tão assustadora e horrível, que não é de admirar que ele perseguisse o jovem Wilcox com perguntas e demandas por mais informações.

A experiência anterior ocorrera em 1908, dezessete anos antes, quando a American Archaeological Society realizou seu congresso anual em St. Louis. O professor Angell, por sua autoridade e suas realizações, teve um papel proeminente em todas as deliberações e foi um dos primeiros a ser abordado pelos vários estranhos que aproveitaram o local para fazer perguntas e sugerir problemas a fim de que especialistas pudessem solucioná-los.

O chefe desses forasteiros, foco de interesse de todo o congresso, era um homem de meia-idade e aparência comum que viajara desde Nova

Orleans para obter informações especiais que não podiam ser obtidas de nenhuma fonte local. Seu nome era John Raymond Legrasse, e era inspetor da polícia. Viajava com ele o assunto de sua visita: uma estatueta de pedra grotesca, repulsiva e aparentemente muito antiga, cuja origem ele não conseguia determinar. Não pense que o inspetor Legrasse tinha o menor interesse em arqueologia. Pelo contrário, seu desejo de esclarecimento foi motivado por considerações puramente profissionais. A estatueta, o ídolo, o fetiche ou o que quer que fosse havia sido capturado alguns meses antes nos pântanos arborizados ao sul de Nova Orleans durante uma operação policial em um suposto ritual vodu, e tão singulares e hediondos eram os ritos ligados a ela, que a polícia não podia deixar de perceber que havia encontrado um culto maligno totalmente desconhecido e infinitamente mais diabólico do que o mais obscuro dos círculos voduns africanos. De sua origem, além dos contos erráticos e inacreditáveis extorquidos dos membros capturados, absolutamente nada poderia ser descoberto, daí a ansiedade da polícia por qualquer conhecimento que pudesse ajudá-los a entender o símbolo assustador e, por meio dele, rastrear o culto até sua fonte.

O inspetor Legrasse não estava preparado para o que viria por conta de seu relato. Uma única visão do objeto tinha sido o suficiente para fazer com que os homens da ciência se reunissem num estado de excitação tensa, e eles não perderam tempo em se aglomerar em torno dele para contemplar a figura diminuta cuja total estranheza e ar de antiguidade genuinamente abissal insinuavam tão poderosamente panoramas desconhecidos e antigos. Nenhuma escola de escultura reconhecida tinha criado esse objeto terrível, mas séculos e até milhares de anos pareciam registrados em sua superfície opaca e esverdeada de pedra indefinível.

O objeto, que passava devagar pelas mãos de cada homem para que pudesse ser feito um estudo atento e cuidadoso, tinha entre sete e oito polegadas de altura e um acabamento artístico requintado. Representava um monstro de contornos vagamente antropóides, mas com uma cabeça parecida com um polvo, cujo rosto era uma massa de antenas, de corpo escamoso e aspecto emborrachado, garras prodigiosas nas patas traseiras e dianteiras, além de asas longas e estreitas nas costas. Essa coisa, que parecia instintiva e com uma malignidade assustadora e sobrenatural, tinha uma corpulência um tanto inchada e se agachava maldosamente

sobre um bloco ou pedestal retangular coberto de caracteres indecifráveis. As pontas das asas tocavam a parte de trás do bloco e o corpo ocupava o centro, enquanto as garras compridas e curvadas das patas traseiras agarravam-se à borda da frente e se estendiam por um quarto do caminho em direção ao pedestal.

A cabeça do cefalópode estava inclinada para a frente, de modo que as extremidades dos tentáculos faciais roçavam o dorso das enormes patas dianteiras que seguravam os joelhos elevados. O aspecto do todo era anormalmente real, ainda mais temeroso, porque sua fonte era totalmente desconhecida. Sua idade vasta, impressionante e incalculável era inconfundível; contudo, nenhum elo mostrava qualquer tipo de arte que remetesse à juventude da civilização – ou mesmo a qualquer outro momento histórico. O próprio material de que era feito era um mistério, pois a pedra lisa, preto-esverdeada, com suas manchas e estrias douradas ou iridescentes não se assemelhava a nada familiar na geologia ou na mineralogia. Os caracteres ao longo da base eram igualmente desconcertantes; e nenhum membro presente, apesar de representar metade do conhecimento especializado mundial neste campo, poderia ter a menor noção até mesmo de seu parentesco linguístico mais remoto. Os hieróglifos, assim como o tema e o material, pertenciam a algo horrivelmente remoto e distinto da humanidade como a conhecemos; algo assustadoramente sugestivo de ciclos de vida antigos e profanos nos quais nosso mundo e nossas concepções não se aplicam.

E, no entanto, quando os participantes do congresso balançaram a cabeça e confessaram a derrota diante do problema do inspetor, havia um homem no local com um toque de familiaridade bizarro com aquela forma e escrita monstruosas, e, naquele momento, contou o pouco que sabia com alguma timidez. Essa pessoa era o falecido William Channing Webb, professor de antropologia na Universidade de Princeton, um explorador de pouca importância. O professor Webb fora contratado, quarenta e oito anos antes, em uma excursão pela Groenlândia e Islândia, em busca de algumas inscrições rúnicas que ele não conseguiu encontrar e, ainda no alto da costa ocidental da Groenlândia, havia encontrado uma tribo singular ou culto de esquimós degenerados cuja religião, uma forma curiosa de culto ao diabo, o deixou petrificado e gelado com sua deliberada sede de sangue e horror. Era uma fé de que outros esquimós

pouco sabiam, e que eles mencionaram com calafrios, dizendo que era proveniente de éons muitíssimo antigos, quando o mundo nem mesmo havia sido criado. Além de ritos inomináveis e sacrifícios humanos, havia certos rituais estranhos dirigidos a um supremo demônio e ancestral, chamado *tornasuk*; e o professor Webb fez uma transcrição fonética de um velho *angedkok*, ou velho bruxo-sacerdote, expressando os sons em alfabeto romano da melhor maneira possível. Mas agora era de primordial importância o fetiche que esse culto adorava, e em torno do qual dançavam quando a aurora surgia sobre os penhascos de gelo. Era, segundo declarou o professor, um baixo-relevo muito grosseiro de pedra, que compreendia uma imagem medonha e uma inscrição enigmática. E, até onde ele sabia, era um paralelo mal-acabado em todos os aspectos essenciais do artefato discutido naquele congresso.

Esses dados, recebidos com suspense e assombro pelos membros do congresso reunidos, revelaram-se duplamente incitantes para o inspetor Legrasse, e ele começou imediatamente a fazer perguntas ao informante. Tendo copiado em papel um rito oral feito pelos adoradores que seus homens haviam prendido no pântano, ele suplicou ao professor que se lembrasse, com o máximo de detalhes possível, das sílabas ditas pelos diabólicos esquimós. Seguiu-se então uma comparação exaustiva de detalhes e um momento de verdadeiro silêncio quando ambos, o detetive e o cientista, concordaram com uma frase comum a dois rituais diabólicos geograficamente muito distantes. O que, em substância, tanto os bruxos esquimós quanto os sacerdotes do pântano da Louisiana tinham cantado para seus ídolos afins era algo muito parecido com o que segue (as divisões das palavras sendo adivinhadas a partir de rupturas comuns na frase quando cantadas em voz alta):

“Ph’nglui mglw’nafh Cthulhu R’lyeh wgah’nagl fhtagn.”

Legrasse havia se adiantado em relação ao Professor Webb, pois vários de seus prisioneiros mestiços haviam repetido para ele o que celebrantes mais velhos haviam lhes transmitido. A tradução desse trecho era alguma coisa como:

“Na casa em R’lyeh, o defunto Cthulhu aguarda sonhando.”

E, nesse momento, em resposta a uma demanda geral e urgente, o inspetor Legrasse relatou com detalhes sua experiência com os adoradores do pântano, contando uma história à qual meu tio atribuía

um profundo significado. A narrativa parecia um sonho louco dos criadores de mitos e dos teosofistas, e revelava um surpreendente grau de imaginação cósmica entre mestiços e párias que se poderia menos esperar possuí-la.

Em 1º de novembro de 1907, chegou à polícia de Nova Orleans um chamado urgente para ir até os pântanos e às lagoas ao sul. Os posseiros que ali habitavam, em sua maioria primitivos, mas bons descendentes dos homens de Lafitte, estavam sob terror absoluto por conta de alguma coisa desconhecida que lhes havia surgido durante a noite. Tratava-se de algum tipo de magia vodu, mas o vodu de um tipo mais terrível do que eles jamais haviam conhecido, e algumas de suas mulheres e crianças haviam desaparecido desde que os tambores malévolos haviam começado sua incessante batida no interior das florestas negras assombradas, onde nenhum habitante se aventurava chegar. Houve gritos insanos e urros angustiantes, cantos arrepiantes e chamadas demoníacas dançantes; e o mensageiro assustado acrescentou que os moradores não aguentavam mais aquilo.

Assim, um grupo de vinte policiais, que encheu duas carruagens e uma viatura, partira no final da tarde tendo o posseiro trêmulo como guia. Eles desceram ao fim do trecho de estrada transitável e, por quilômetros, andaram em silêncio pela terrível floresta de ciprestes onde a luz do sol nunca chegava. Raízes horrorosas e laços de enforcamento malignos feitos de musgo espanhol os assediavam e, de vez em quando, uma pilha de pedras úmidas ou fragmentos de uma parede apodrecida intensificavam a insinuação de alguma habitação mórbida, uma depressão que cada árvore malformada e cada mancha embolorada de fungos se combinavam para criar. Por fim, o povoado de posseiros, um amontoado miserável de cabanas, surgiu adiante, e os moradores histéricos correram na direção do grupo balançando suas lanternas. A batida abafada de tambor agora estava levemente audível muito, muito à frente, e um grito estridente surgia em intervalos infrequentes quando o vento mudava. Um clarão avermelhado também parecia filtrar-se através da vegetação rasteira e pálida além das avenidas intermináveis da noite da floresta. Relutantes até mesmo em ficarem sozinhos novamente, cada um dos posseiros intimidados se recusou a avançar mais um centímetro na direção da cena de adoração profana, então o inspetor

Legrasse e seus dezenove colegas mergulharam rumo às arcadas negras de horror em que nenhum deles jamais havia pisado antes.

A região agora invadida pela polícia tinha reputação tradicionalmente malévola, substancialmente desconhecida e inexplorada pelos homens brancos. Havia lendas sobre um lago oculto jamais vislumbrado pelos mortais, em que habitava uma enorme coisa branca, sem forma e cheia de pólipos, com olhos luminosos, e os invasores sussurravam que demônios com asas de morcego voavam de cavernas subterrâneas para adorá-la à meia-noite. Eles disseram que a coisa já estava lá antes de D'Iberville, antes de La Salle, antes dos índios e antes mesmo das bestas e pássaros das florestas. Era um pesadelo, e vê-lo era como morrer. Mas tudo isso fazia os homens sonharem e, assim, eles se afastavam.

A orgia vodú estava, de fato, na periferia daquela abominável área, mas aquela localização já era ruim o suficiente; daí, talvez, o próprio lugar da adoração tenha aterrorizado os posseiros mais do que os sons e os incidentes chocantes.

Apenas a poesia ou a loucura podiam fazer justiça aos pedidos ouvidos pelos homens de Legrassse enquanto atravessavam o pântano negro em direção ao clarão vermelho e aos sons de tambores abafados. Existem qualidades vocais peculiares aos homens e qualidades vocais peculiares às bestas, e é terrível ouvir uma saindo da boca da outra.

A fúria animal e a libertinagem orgiástica aqui se elevavam a alturas sinistras por meio de uivos e gritos extasiados que rasgavam e reverberavam através daqueles bosques iluminados como tempestades pestilentas das profundezas do inferno. De vez em quando, os uivos cessavam e, a partir do que parecia um coro de vozes roucas e bem treinadas, surgia na canção aquela frase hedionda ou talvez um feitiço:

“Ph'nglui mglw'nafh Cthulhu R'lyeh wgah'nagl fhtagn.”

Então os homens, tendo atingido um ponto onde havia menos árvores, subitamente puderam observar o espetáculo em si. Quatro deles cambalearam, um desmaiou e dois foram acometidos por um grito frenético que a louca cacofonia da orgia, felizmente, amorteceu. Legrassse jogou água do pântano no rosto do homem desmaiado e todos ficaram tremendo e quase hipnotizados de horror.

Em uma clareira natural do pântano, havia uma ilha gramada de talvez um acre, livre de árvores e razoavelmente seca. Dela saía a horda mais

indescritível de anormalidade humana que somente um Sime ou um Angarola poderiam pintar. Sem roupas, esses seres híbridos zurravam, berravam e se contorciam circulando uma monstruosa fogueira, no centro da qual, revelado por ocasionais rachaduras na cortina de chamas, havia um grande monólito de granito com uns oito pés de altura, em cima do qual, incongruente com sua pequena estatura, descansava a nociva estatueta esculpida. De um amplo círculo de dez estruturas montadas em intervalos regulares com o monólito cravado de chamas como centro suspenso, de cabeça para baixo, pendiam os corpos estranhamente desfigurados dos posseiros indefesos que haviam desaparecido. Era de dentro desse círculo que a roda de adoradores saltava e rugia, da direita para a esquerda, no interminável Bacanal entre o círculo dos corpos e o círculo de fogo.

Pode ter sido apenas imaginação e podem ter sido apenas ecos que induziram um dos homens, um espanhol impressionado, a imaginar que ele ouvira respostas antifônicas ao ritual de algum ponto distante e não iluminado, mais profundamente dentro daquele bosque cheio de antigas lendas e horror. Mais tarde, conheci e questionei esse homem, Joseph D. Galvez, e ele provou ter imaginação fértil. De fato, ele chegou ao ponto de sugerir o leve bater de grandes asas, um vislumbre de olhos brilhantes e um enorme volume branco além das árvores mais remotas – mas suponho que ele estivesse ouvindo muita superstição dos nativos.

Na verdade, a pausa horrorizada dos homens foi de duração comparativamente breve. O dever veio em primeiro lugar e, embora houvesse quase cem celebrantes na multidão, a polícia recorreu a suas armas de fogo e mergulhou decididamente no meio daquele caos nauseante. Por cinco minutos, o ruído e o caos resultantes foram além de qualquer descrição. Houve golpes selvagens, tiros disparados e fugas, mas, no fim, Legrasse conseguiu contar cerca de quarenta e sete prisioneiros soturnos, aos quais ele forçou a se vestir com pressa e se alinhar entre duas filas de policiais. Cinco dos adoradores estavam mortos e dois foram levados gravemente feridos em macas improvisadas por seus companheiros de crime. A imagem do monólito, é claro, foi cuidadosamente removida e levada de volta por Legrasse.

Examinados na delegacia após uma viagem intensa e cansativa, todos os prisioneiros provaram ser homens de um tipo muito baixo, mestiços e

mentalmente perturbados. A maioria eram marinheiros, e um punhado de negros e mulatos, em grande parte índios ocidentais ou portugueses de Brava, em Cabo Verde, davam uma cor de vodou para o culto heterogêneo. Mas antes que muitas perguntas fossem feitas, ficou claro que algo muito mais profundo e antigo do que o fetichismo negro estava envolvido. Degradadas e ignorantes como eram, as criaturas possuíam surpreendente coerência com a ideia central de sua fé repugnante.

Eles adoravam, assim diziam, os Grandes Anciões que viveram muito antes de existirem homens e que vieram do céu para o novo mundo recém-criado. Aqueles Anciões já haviam desaparecido, dentro da terra e no fundo do mar, mas seus corpos mortos contaram seus segredos em sonhos para os primeiros homens, que formaram um culto que nunca cessou. Era esse culto que os prisioneiros seguiam, e disseram que eles sempre existiram e sempre existirão, escondidos em lugares distantes e escuros em todo o mundo até o tempo em que o alto sacerdote Cthulhu saísse de sua casa escura na poderosa cidade submersa de R'lyehs para dominar a Terra novamente. Algum dia ele faria o chamado, quando as estrelas estivessem na posição correta, e o culto secreto estaria sempre esperando para libertá-lo.

Enquanto isso, nada mais deveria ser dito. Havia um segredo que nem sob tortura era revelado. A humanidade não estava absolutamente sozinha entre os seres conscientes da Terra, pois formas surgiam da escuridão para visitar os poucos fiéis. Mas estes não eram os Grandes Anciões. Nenhum homem jamais viu os Anciões. O ídolo esculpido era o grande Cthulhu, mas ninguém poderia dizer se os outros eram ou não exatamente como ele. Ninguém mais sabia ler os antigos escritos agora, mas os fatos eram contados de boca em boca. Os cânticos rituais não eram segredo – ele nunca era dito em voz alta, mas apenas sussurrado. O cântico significava apenas isso: “Em sua casa em R'lyeh, o falecido Cthulhu aguarda sonhando”.

Apenas dois dos prisioneiros foram considerados sãos o suficiente para serem enforcados, e os demais foram enviados para várias instituições. Todos negaram fazer parte dos assassinatos rituais e afirmaram que a morte tinha ocorrido por conta de Alados Negros que tinham vindo de sua imemorável assembleia na floresta assombrada. No entanto, jamais houve um relato coerente sobre esses aliados misteriosos. O que a polícia

conseguiu descobrir sobre eles veio principalmente de um mestiço muito idoso chamado Castro, que alegou ter navegado por portos estranhos e conversado com líderes imortais do culto nas montanhas da China.

O velho Castro lembrou-se de pedaços de lendas medonhas que acabaram com as especulações dos teosofistas e fizeram o homem e o mundo parecerem recentes e momentâneos. Houve éons em que outras Coisas reinaram sobre a Terra, e elas foram responsáveis pela construção de grandes cidades. Ele afirmou que o chinês imortal havia lhe dito que os restos Delas ainda podiam ser encontrados como pedras ciclópicas em ilhas no Pacífico. Todas essas Coisas morreram muito antes de os homens chegarem à Terra, mas havia artes que poderiam fazê-los reviver quando as estrelas voltassem às posições certas no ciclo da eternidade. Elas, de fato, vieram das estrelas e trouxeram Suas imagens com Elas.

Esses Grandes Anciões, continuou Castro, não eram feitos de carne e osso. Eles tinham forma – a imagem em forma de estrela não provava isso? –, mas ela não era feita de matéria. Quando as estrelas estavam na posição correta, podiam mergulhar de mundo em mundo pelos céus, mas, quando as estrelas estavam na posição errada, não eram capazes de viver. Embora não mais vivessem, nunca morriam. Todos jaziam em casas de pedra na grande cidade de R'lyeh, preservados pelos feitiços do poderoso Cthulhu e aguardando uma ressurreição gloriosa, quando as estrelas e a Terra pudessem mais uma vez estar prontas para Eles. No entanto, naquela época, alguma força externa deveria ajudar a liberar seus corpos. Os feitiços que os preservavam intactos também impediam que eles fizessem um movimento inicial, e eles só podiam ficar acordados no escuro pensando, enquanto milhões de anos iam se passando. Eles sabiam tudo o que estava ocorrendo no universo, mas seu modo de falar era transmitido como pensamento. Mesmo agora eles conversavam em seus túmulos. Quando, após eras infinitas, os primeiros homens chegaram aqui, os Grandes Anciões falaram com os sensatos entre eles por meio de seus sonhos, pois apenas dessa maneira a linguagem deles alcançaria as mentes carnais dos mamíferos.

Então, sussurrou Castro, aqueles primeiros homens formaram o culto aos pequenos ídolos que os Grandes Anciões haviam mostrado, os ídolos trazidos há muito tempo de estrelas escuras. Esse culto nunca morreria até que as estrelas voltassem a ficar em suas posições corretas, e os

sacerdotes secretos então tirariam o grande Cthulhu de Seu túmulo para reviver com Seus súditos e retomar Seu domínio sobre a Terra. Era fácil saber qual seria esse tempo, pois a humanidade se tornaria como os Grandes Anciões: livre e selvagem e além do bem e do mal, com leis e moral jogadas de lado e todos os homens gritando, matando seus semelhantes e se divertindo com alegria. Então os Anciões liberados lhes ensinariam novas formas de gritar e matar, deleitar-se e divertir-se, e toda a Terra se inflamaria com um holocausto de êxtase e liberdade. Enquanto isso, o culto, por meio de ritos apropriados, manteria viva a memória daqueles caminhos antigos e profetizaria seu retorno.

Nos tempos mais antigos, os homens escolhidos conversavam com os Anciões sepultados por meio de sonhos, mas então algo aconteceu. A grande cidade de pedra R'lyeh, com seus monólitos e sepulturas, havia afundado sob as ondas; e as águas profundas, cheias do mistério primordial pelo qual nem mesmo o pensamento poderia passar, cortaram a comunicação espectral. Mas a memória nunca morre, e os sumos sacerdotes disseram que a cidade se levantaria novamente quando as estrelas estivessem na posição correta. Então os espíritos negros surgiram da Terra, mofados e sombrios, e cheios de rumores se recolheram em cavernas esquecidas no fundo do mar. Mas deles o velho Castro não ousou dizer muito. Ele cortou sua fala apressadamente, e nenhuma persuasão ou sutileza poderiam convencê-lo do contrário. Também se recusou a mencionar o tamanho dos Anciões. Sobre o local do culto, achava que o centro dele estava em meio aos desertos da Arábia, onde Irem, a Cidade dos Pilares, sonha escondida e intocada. O culto não tinha relação com a bruxaria europeia e era praticamente desconhecido para além de seus membros. Nenhum livro jamais o sugeriu, embora os chineses imortais dissessem que havia dois significados no *Necronomicon* do árabe louco Abdul Alhazred que os iniciados poderiam ler como quisessem, especialmente este dístico muito discutível:

“O que não morreu pode viver eternamente,
E com éons estranhos até a morte pode morrer.”

Legrasse, profundamente impressionado e um pouco desnorteado, perguntou em vão sobre as afiliações históricas do culto. Aparentemente, Castro dissera a verdade quando afirmou que era totalmente secreto. As autoridades da Universidade de Tulane não puderam esclarecer nada

sobre o culto ou a imagem, e agora o detetive havia chegado às mais altas autoridades do país e se deparado com nada menos que a história sobre a Groenlândia do professor Webb.

O interesse febril despertado pelo relato de Legrasse no congresso, corroborado pela estatueta, foi ecoado na correspondência subsequente daqueles que lá compareceram, embora tenha havido pouca menção nas publicações formais da sociedade. A cautela é o primeiro cuidado daqueles que estão acostumados a enfrentar o charlatanismo e a impostura ocasionais. Por um tempo, Legrasse emprestou a imagem para o professor Webb, mas, com sua morte, ela foi devolvida e permanece em sua posse, como vi há pouco tempo. É realmente um objeto terrível e inequivocamente semelhante à escultura dos sonhos do jovem Wilcox.

A empolgação de meu tio-avô com a história do escultor não me surpreendeu, pois que pensamentos surgiram ao ouvir, depois de um conhecimento do que Legrasse havia aprendido do culto, de um jovem sensível que sonhara não só com a figura e o exato hieróglifo da imagem encontrada no pântano e da tabuleta do diabo da Groenlândia, mas tinham surgido em seus sonhos precisamente pelo menos três das palavras da fórmula ditas pelos diabolistas esquimós e mestiços louisianos?

A prontidão imediata do professor Angell nessa investigação foi eminentemente natural, embora, em particular, eu tenha suspeitado de que o jovem Wilcox tivesse ouvido falar do culto de alguma forma indireta e inventado uma série de sonhos para aumentar e continuar o mistério às custas do meu tio. As narrativas oníricas e os recortes coletados pelo professor foram, evidentemente, uma forte corroboração disso, mas o racionalismo de minha mente e a extravagância de todo o assunto me levaram a adotar o que achava ser as conclusões mais sensatas. Então, depois de estudar cuidadosamente o manuscrito novamente e correlacionar as anotações teosóficas e antropológicas com a narrativa de Legrasse sobre o culto, fiz uma viagem a Providence a fim de encontrar o escultor e repreender-lhe por ter se aproveitado de um homem erudito e idoso.

Wilcox ainda morava sozinho no Edifício Fleur-de-Lys, na rua Thomas, uma imitação vitoriana hedionda da arquitetura bretã do século XVII que ostenta sua fachada de estuque entre as adoráveis casas

coloniais na montanha e sob a sombra do mais refinado campanário georgiano dos Estados Unidos. Encontrei-o trabalhando em seus aposentos e imediatamente deduzi, pelo que estava espalhado pelo local, que seu gênio era de fato profundo e autêntico. Ele será visto, creio eu, daqui a algum tempo, como um dos grandes decadentistas, pois cristalizou no barro e um dia há de espelhar no mármore aqueles pesadelos e fantasias que Arthur Machen evoca em prosa, e Clark Ashton Smith torna visível na literatura e na pintura.

Escurecido e frágil, além de apresentar aspecto um tanto desleixado, Wilcox se virou languidamente quando bati na porta e me perguntou o que estava acontecendo sem se levantar. Quando eu lhe disse quem eu era, ele demonstrou algum interesse, pois meu tio despertou sua curiosidade ao sondar-lhe sobre seus estranhos sonhos, mas nunca explicou o motivo do estudo. Eu não me estendi a esse respeito, mas busquei com alguma sutileza trazê-lo para o meu lado. Em pouco tempo, convenci-me de sua absoluta sinceridade, pois ele falava dos sonhos de uma maneira inconfundível. Os sonhos e seus resíduos inconscientes haviam influenciado sua arte profundamente, e ele me mostrou uma estátua mórbida cujos contornos quase me fizeram tremer com a potência de sua negra sugestão. Ele não conseguia se lembrar de ter visto o original dessa coisa, exceto em seu próprio sonho com o baixo-relevo, mas os contornos se formaram de modo imperceptível sob suas mãos. Era, sem dúvida, a forma gigante que vira em seu delírio. Ele realmente não sabia nada sobre culto secreto, exceto pelo catecismo implacável de meu tio, e mais uma vez me esforcei para pensar em alguma maneira pela qual ele poderia ter recebido aquelas estranhas impressões.

Ele falou de seus sonhos de uma maneira estranhamente poética, fazendo-me enxergar com terrível vivacidade a úmida cidade ciclópica feita de pedras verdes cuja geometria, disse ele estranhamente, estava toda errada – e ouvir com assustada expectativa o chamado incessante, em parte mental, que vinha do subterrâneo: “Cthulhu fhtagn”, “Cthulhu fhtagn”. Essas palavras faziam parte daquele ritual medonho que falava da vigília onírica de Cthulhu morto em seu jazigo de pedra em R’lyeh, e me senti profundamente comovido apesar de minhas crenças racionais. Certamente, Wilcox ouvira falar do culto casualmente e logo o esquecera em meio às suas muitas leituras e sua imaginação igualmente

esquisitas. Mais tarde, em virtude de sua pura impressividade, encontrou expressão subconsciente nos sonhos, no baixo-relevo e na terrível estátua que agora vejo, de modo que sua impostura sobre meu tio tinha sido muito inocente. Aquele jovem era de um tipo ao mesmo tempo levemente afetado e levemente mal-educado, do qual eu nunca poderia gostar, mas agora eu estava disposto o suficiente para admitir tanto sua genialidade quanto sua honestidade. Eu me despedi dele amigavelmente e lhe desejei todo o sucesso que seu talento lhe reservava.

A questão do culto continuava a me fascinar, e às vezes eu me imaginava famoso por minhas pesquisas sobre sua origem e suas conexões. Visitei Nova Orleans, conversei com Legrasse e outros membros do antigo grupo de busca, vi a imagem assustadora e até mesmo conversei com os prisioneiros mestiços que conseguiram sobreviver. O velho Castro, infelizmente, estava morto há alguns anos. O que eu ouvia agora em primeira mão, embora não passasse de uma confirmação detalhada do que meu tio escrevera, novamente me animou, pois tinha certeza de que estava no caminho de uma religião muito real, muito secreta e muito antiga, cuja descoberta me tornaria um antropólogo importante. Minha atitude ainda era de materialismo absoluto, como eu gostaria que ainda fosse, e desconsidere com perversidade quase inexplicável a coincidência entre as anotações sobre os sonhos e os estranhos recortes coletados pelo professor Angell.

Uma coisa de que comecei a suspeitar, e que agora temo saber, é que a morte do meu tio estava longe de ser natural. Ele caiu em uma rua estreita que levava a uma antiga zona portuária repleta de mestiços estrangeiros, depois de um encontrão descuidado com um marinheiro negro. Não me esqueci do sangue misturado e das atividades marítimas entre os membros do culto em Louisiana, e não ficaria surpreso ao saber de métodos secretos e agulhas venenosas tão implacáveis e tão antigas quanto os ritos e crenças ocultos. Legrasse e seus homens, é verdade, foram deixados em paz, mas, na Noruega, um certo marinheiro que viu determinadas coisas está morto. Será que as investigações mais profundas de meu tio depois de encontrar os dados do escultor chegaram a ouvidos sinistros? Acho que o professor Angell morreu porque sabia demais, ou porque, provavelmente, estava prestes a saber demais. Talvez o mesmo aconteça comigo, pois também sei de muita coisa agora.

III. A LOUCURA DO MAR

Se os céus alguma vez quiserem me proporcionar uma bênção, eles me trarão um apagamento total dos resultados de um mero acaso que fixou meu olhar em um certo pedaço de papel na prateleira da estante. Não era nada que eu perceberia naturalmente no decorrer de meu dia a dia, pois era um número antigo de um jornal australiano, o *Sydney Bulletin*, de 18 de abril de 1925. Ele escapara até mesmo do departamento de recortes, que na época coletou material avidamente para a pesquisa do meu tio.

Eu havia abandonado minhas investigações sobre o que o professor Angell chamava de “Culto a Cthulhu” e estava visitando um amigo em Paterson, Nova Jersey, que era curador de um museu local e mineralogista de destaque. Um dia, examinando os espécimes colocados nas prateleiras de armazenamento em uma sala dos fundos do museu, meu olhar foi capturado por uma foto estranha em um dos papéis velhos sob as pedras. Era o *Sydney Bulletin* que mencionei anteriormente, pois meu amigo tinha grandes contatos em todas as partes do mundo concebíveis, e a imagem mostrava uma pedra horrorosa quase idêntica àquela que Legrasse encontrara no pântano.

Limpei ansiosamente a folha para verificar seu precioso conteúdo e examinei o item detalhadamente. Fiquei desapontado ao perceber que o tamanho não era suficiente para um exame mais minucioso. O que sugeria, no entanto, foi de grande significado para minha busca negligenciada, e então agi imediatamente. Junto da imagem, havia o seguinte texto:

MISTERIOSA EMBARCAÇÃO ENCONTRADA NO MAR

O navio Vigilant chega rebocando um iate equipado e indefeso da Nova Zelândia.

Um sobrevivente e um homem morto foram encontrados a bordo.

Relato de batalha desesperada e mortes no mar.

Marinheiro resgatado se recusa a dar detalhes sobre a estranha experiência.

Ídolo estranho encontrado em sua posse.

Será instaurado um inquérito.

O cargueiro *Vigilant*, da Morrison Co., vindo de Valparaíso, chegou

*image
not
available*

montanhosa se debatia sobre as pedras escorregadias e se agitava à beira do mar.

Como o navio ainda tinha vapor, apesar de toda a tripulação se encontrar em terra, foram necessários alguns instantes de trabalho febril, subindo e descendo entre o timão e os motores, para colocar o *Alert* em movimento. Lentamente, em meio aos horrores distorcidos daquela cena indescritível, a embarcação começou a agitar as águas letais, enquanto na pedra esculpida daquele costão alienígena. A Coisa titânica das estrelas babava e urrava como Polifemo fez ao amaldiçoar o navio em fuga de Ulisses. Depois, mais ousado que o célebre Ciclope, o grande Cthulhu deslizou com sua gosma na direção da água e começou a perseguir a embarcação com vastas braçadas de energia cósmica. Briden olhou para trás e enlouqueceu, soltando gargalhadas estridentes até que a morte o levasse numa noite na cabine, enquanto Johansen vagava delirando pelo navio.

Mas Johansen não havia desistido ainda. Sabendo que a Coisa certamente poderia ultrapassar o *Alert* até que o vapor estivesse totalmente a pleno, ele fez uma desesperada aposta e, ajustando o motor para a velocidade máxima, correu como um raio no convés e inverteu a roda do leme. Formou-se então um poderoso turbilhão de espuma nas águas salgadas e, à medida que o vapor subia a níveis cada vez mais altos, o bravo norueguês direcionou seu navio para colidir com a criatura gelatinosa que estava acima da espuma impura como a popa de um galeão demoníaco. A horrível cabeça de lula, com os tentáculos que se contorciam, quase chegou ao gurupés da robusta embarcação, mas Johansen continuou navegando implacavelmente. Houve um estouro como se fosse uma bexiga explodindo, um material viscoso como um peixe-lua cortado ao meio, um fedor de mil tumbas abertas e um som que nem mesmo um cronista conseguiria transpor para o papel. Por um instante, o navio foi sufocado por uma nuvem verde acre e cegante, e logo não havia mais do que uma borbulha peçonhenta à popa, onde (Deus no céu!) os pedaços dispersos daquele rebento inominável estavam se reorganizando para voltar à sua odiosa forma original, enquanto sua distância aumentava a cada segundo à medida que o *Alert* ganhava ímpeto crescente.

Isso foi tudo. Depois, Johansen apenas meditou sobre o ídolo na cabine

*image
not
available*

tempo permaneceu bom, e por incontáveis dias vaguei sem rumo sob o Sol escaldante, esperando por algum navio de passagem ou para ser lançado às margens de alguma terra habitável. Mas nem o navio nem a terra apareceram, e comecei a me desesperar em meio à solidão da imensa vastidão de um azul interminável.

A mudança aconteceu enquanto eu dormia. Talvez eu nunca venha a saber os detalhes, pois, embora agitado e cheio de sonhos, tive um sono contínuo. Quando acordei pela última vez, descobri ter sido tragado por um lamacento e infernal lodo negro que se estendia à minha volta em monótonas ondulações até onde meus olhos alcançavam e onde meu barco estava enterrado a certa distância.

Embora se possa imaginar que minha primeira sensação seria de espanto diante de uma transformação tão prodigiosa e inesperada de cenário, fiquei, na verdade, mais horrorizado do que surpreso, pois havia no ar e no solo apodrecido algo sinistro que me arrepiou até o âmago.

A região estava podre por conta das carcaças de peixe em decomposição e de outras coisas difíceis de descrever que pude ver se projetando da lama desagradável presente naquela planície interminável. Talvez não seja possível transmitir em poucas palavras a indizível repugnância que habitava no silêncio absoluto e na vasta imensidão. Não havia nada que pudesse ser ouvido e nada que pudesse ser visto, a não ser um longo caminho de lodo negro; contudo, eram a própria perfeição da quietude e a homogeneidade da paisagem que me oprimiam com um medo nauseante.

O Sol ardia em um céu desprovido de nuvens que me parecia quase negro em sua impiedade, como se refletisse o pântano escuro embaixo de meus pés. Conforme eu me arrastava para dentro do barco encalhado, percebi que apenas uma teoria poderia explicar minha posição. Por conta de um tipo de erupção vulcânica sem precedentes, uma parte do leito oceânico deve ter sido lançada à superfície, expondo regiões que por incontáveis milhões de anos haviam se escondido sob profundidades aquáticas imensuráveis. Tão grande era a extensão da nova terra que emergira sob mim, que eu não conseguia detectar o menor ruído de ondulação do oceano que surgisse, por mais que me esforçasse. Não havia nem mesmo aves marinhas para devorar o que estivesse morto ali.

Durante várias horas, sentei-me e fiquei pensando e ruminando no

*image
not
available*

depois que cheguei ao barco. De qualquer forma, sei que ouvi trovões e outros ruídos que a natureza pronuncia apenas em seus modos mais terríveis.

Quando saí das trevas, estava em um hospital de São Francisco, para onde fui trazido pelo capitão de um navio americano que encontrara meu barco no meio do oceano. Em meu delírio, eu havia falado muito, mas descobri que minhas palavras receberam pouca atenção. Meus salvadores não sabiam nada sobre qualquer terra no Pacífico, nem julguei necessário insistir em algo que eu sabia que eles não podiam acreditar. Certa vez, procurei um célebre etnólogo e o entretive com perguntas peculiares sobre a antiga lenda filistina de Dagon, o Deus-peixe, mas logo percebi que ele era irremediavelmente convencional e não o pressionei com mais perguntas.

É à noite, especialmente quando a lua está gibosa e minguante, que vejo aquela coisa. Tentei a morfina, mas a droga causou apenas um alívio temporário e me atraiu para suas garras como um escravo sem esperança. Portanto, agora posso terminar com tudo, depois de ter escrito um relato completo para a informação ou a diversão desdenhosa dos meus semelhantes. Muitas vezes me pergunto se tudo não poderia ter sido pura fantasmagoria – uma mera aberração proveniente da febre de quando me deitava e delirava no barco descoberto após minha fuga do navio de guerra alemão. Isso é o que sempre me pergunto, mas todas as vezes vem até mim uma visão horrivelmente vívida em resposta. Não consigo pensar no fundo do mar sem estremecer com as coisas sem nome que podem, nesse exato momento, estar rastejando e se esponjando em seu leito escorregadio, adorando seus antigos ídolos de pedra e esculpindo suas próprias imagens detestáveis em obeliscos submarinos de granito encharcado de água. Sonho com um dia em que eles possam se erguer acima das ondas para arrastar até o fundo do mar, com suas garras fétidas, os remanescentes de nossa frágil humanidade já exausta pela guerra; o dia em que a terra afundará e o fundo do oceano escuro vai se erguer em meio a um pandemônio universal.

O fim está próximo. Ouço um barulho na porta, como se houvesse um imenso corpo escorregadio arrastando-se nela. Ela não me encontrará. Meu Deus, aquela mão! A janela! A janela!

*image
not
available*

música. Sua música era uma espécie de fuga, com passagens recorrentes da qualidade mais cativante, mas para mim era notável pela ausência de qualquer uma das notas estranhas que eu tinha ouvido do meu quarto abaixo em outras ocasiões.

Eu me lembrava daquelas notas assombrosas, que muitas vezes assobiava e murmurava para mim mesmo, sem muito ritmo; então, quando o músico largou seu arco, perguntei-lhe se poderia tocar algumas delas. Assim que iniciei meu pedido, seu rosto enrugado de sátiro perdeu a placidez entediada que apresentara durante a execução e pareceu mostrar a mesma mistura curiosa de raiva e medo que eu havia notado quando inicialmente o abordei. Por um momento estive inclinado a usar da persuasão, considerando os caprichos da senilidade, e até tentei elevar o humor estranho do meu anfitrião, assobiando alguns dos acordes que eu ouvira na noite anterior. No entanto, não segui esse caminho, pois, quando o músico mudo reconheceu o que eu estava assobiando, seu rosto ficou repentinamente distorcido com uma expressão completamente indescritível, e sua mão direita, alongada e fria, estendeu-se para tampar minha boca e silenciar minha imitação grosseira. Ao fazer isso, demonstrou ainda mais sua excentricidade lançando um olhar assustado para a janela, como se tivesse medo de algum intruso; um olhar duplamente absurdo, já que o sótão era alto e inacessível, acima de todos os telhados adjacentes, sendo aquela janela o único ponto na rua íngreme, como o porteiro havia me dito, a partir do qual se podia ver por cima do muro no cume.

O olhar do velho trouxe à mente a observação de Blandot e, com certo capricho, senti o desejo de contemplar o panorama amplo e vertiginoso dos telhados iluminados pelo luar e das luzes da cidade além do topo da colina, que, de todos os moradores da Rue d'Auseil, só esse músico rabugento poderia ver. Fui até a janela e teria deixado de lado as cortinas indefinidas, quando, com uma raiva assustadora ainda maior do que antes, o inquilino mudo estava novamente em cima de mim, dessa vez acenando com a cabeça em direção à porta enquanto ele, muito nervoso, esforçava-se para me arrastar até lá com as duas mãos. Agora completamente chateado com meu anfitrião, ordenei-lhe que me libertasse e disse-lhe que sairia imediatamente. Ele me soltou e, quando viu meu desgosto e ofensa, sua própria raiva pareceu diminuir. O músico

*image
not
available*

janela acortinada. Em seus acordes arrebatados, eu quase podia ver sombras de sátiros e bacantes dançando e girando loucamente através de abissais nuvens, fumaça e relâmpagos. E então pensei ter ouvido uma nota mais estridente e firme que não era proveniente da viola; era uma nota calma, deliberada, intencional e zombeteira que vinha longe, do oeste.

Nesse momento, as rótulas começaram a tremer em meio a um vento noturno uivante que surgira do lado de fora, como se em resposta à louca música que acontecia lá dentro. A viola uivante de Zann agora se superava, emitindo sons que eu nunca imaginei que um instrumento daqueles pudesse emitir. As rótulas sacudiram mais alto, desprenderam-se e começaram a bater contra a janela. Então o vidro se partiu diante dos impactos persistentes, e o vento frio entrou rapidamente no recinto, fazendo oscilarem as velas e farfalharem as folhas de papel onde Zann começara a escrever seu horrível segredo. Olhei para Zann e vi que ele estava em transe. Seus olhos azuis estavam esbugalhados, vidrados e tresloucados, e a execução frenética se tornara uma orgia cega, mecânica e irreconhecível que nenhuma pena poderia sugerir.

Uma rajada súbita, mais forte que as outras, levou o manuscrito até a janela. Corri atrás das folhas em desespero, mas elas se foram antes que eu as alcançasse. Então, lembrei-me do meu velho desejo de olhar por esta janela, a única janela na Rue d'Auseil da qual se podia ver a encosta além do muro e a cidade abaixo. Estava muito escuro, mas as luzes da cidade sempre estavam brilhando, e eu esperava vê-las lá no meio da chuva e do vento. No entanto, quando olhei da mais alta de todas as janelas, enquanto as velas tremulavam e a louca viola uivava com o vento da noite, não vi nenhuma cidade lá embaixo e nenhuma luz amigável brilhava nas ruas familiares, mas apenas a escuridão do espaço ilimitado, um espaço inimaginável vivo, com movimento e música, que não se assemelhava com qualquer coisa na face da Terra. E enquanto eu olhava aterrorizado, o vento apagou ambas as velas daquele antigo sótão, deixando-me em uma escuridão selvagem e impenetrável, com caos e pandemônio diante de mim, e a loucura demoníaca daquela viola atrás de mim.

Cambaleei de volta no escuro, sem meios de acender a luz. Bati

*image
not
available*

As únicas pessoas que viram Wilbur durante o primeiro mês de sua vida foram o velho Zechariah Whateley, um dos Whateley que ainda não havia morrido, e a esposa de Earl Sawyer, Mamie Bishop. A visita de Mamie foi feita apenas por curiosidade, e seus relatos subsequentes fizeram jus às suas observações, mas Zechariah veio para entregar um par de vacas Alderney que o Velho Whateley havia comprado de seu filho Curtis. Isso marcou o início de uma compra de gado por parte da pequena família de Wilbur, que só terminou em 1928, quando o horror de Dunwich surgiu e desapareceu; no entanto, em nenhum momento o estábulo dos Whateley, em ruínas, parecia cheio de gado. Chegou um período em que as pessoas estavam tão curiosas a ponto de contar o rebanho que pastava precariamente na encosta íngreme acima da velha casa de fazenda, e nunca conseguiam encontrar mais do que dez ou doze espécimes anêmicos e abatidos. Evidentemente alguma praga ou enfermidade, talvez surgida do pasto insalubre ou dos fungos e madeiras doentes do celeiro imundo, causaram uma grande mortalidade entre os animais de Whateley. Feridas e machucados estranhos, com o aspecto de incisões, pareciam afligir o gado, e alguns viajantes imaginaram, em uma ou duas ocasiões durante os meses anteriores, ter visto feridas semelhantes na garganta do velho barbado e grisalho e de sua filha albina desmazelada e de cabelo ondulado.

Na primavera, após o nascimento de Wilbur, Lavinia retomou os costumeiros passeios pelas colinas, carregando nos braços desproporcionais a criança de rosto escuro. O interesse público nos Whateley diminuiu depois que a maioria das pessoas do campo viu o bebê, e ninguém se incomodou em comentar sobre o rápido desenvolvimento que aquele recém-chegado parecia exibir todos os dias. O crescimento de Wilbur foi de fato fenomenal, pois em três meses ele alcançou um tamanho e poder muscular que normalmente não são encontrados em bebês com menos de 1 ano de idade. Seus movimentos e até mesmo seus sons vocais mostravam um controle e uma deliberação altamente peculiares em uma criança, e ninguém estava realmente despreparado quando, aos 7 meses, começou a andar sem ajuda, com vacilações que outro mês foi suficiente para remover.

Foi um pouco depois desse período, no Halloween, que houve um grande incêndio à meia-noite no topo da Sentinel Hill, onde a antiga

*image
not
available*

uma sensação de terror inexplicável. A aversão que os cães tinham em relação a ele finalmente se tornara uma grande questão, e ele era obrigado a carregar uma pistola para que pudesse atravessar o campo em segurança. O uso ocasional da arma por parte de Wilbur não aumentou sua popularidade entre os donos de guardiões caninos.

Os poucos que visitavam a casa costumavam encontrar Lavinia sozinha no térreo, enquanto gritos e passos estranhos ressoavam no andar superior. Ela nunca diria o que seu pai e o menino estavam fazendo lá em cima, embora certa vez tenha empalidecido e demonstrado um grau anormal de medo quando um vendedor de peixe ambulante tentou adentrar a porta trancada que levava à escada. O vendedor disse aos desocupados da loja em Dunwich Village que achava ter ouvido os passos de um cavalo no andar de cima. Os desocupados refletiam, pensando na porta, na pista e no gado que desaparecia tão rapidamente. Elas então estremeceram ao lembrar histórias sobre a juventude do Velho Whateley e sobre as coisas estranhas que são chamadas da terra quando um boi é sacrificado em uma época apropriada para certos deuses pagãos. Por algum tempo notou-se que os cães tinham começado a demonstrar raiva e medo em todo o lugar de Whateley tão violentamente quanto odiavam e temiam o jovem Wilbur pessoalmente.

A guerra chegou em 1917, e Squire Sawyer Whateley, como presidente do comitê de recrutamento local, teve um trabalho árduo para encontrar uma cota de homens jovens em Dunwich aptos a serem enviados para um campo de treinamento. O governo, alarmado com esses sinais de decadência regional, enviou vários oficiais e médicos especialistas para investigar a situação e conduzir uma pesquisa que os leitores de jornais da Nova Inglaterra ainda se lembram. A publicidade dada a essa investigação colocou os repórteres no caminho dos Whateley e fez com que o *Boston Globe* e o *Arkham Advertiser* imprimissem histórias vistosas nas manchetes de domingo sobre a precocidade do jovem Wilbur, a magia negra do Velho Whateley, as prateleiras de livros estranhos, o segundo andar trancado da propriedade, a antiga fazenda, a estranheza de toda a região e os ruídos nas colinas. Wilbur tinha 4 anos e meio e parecia um rapaz de 15 anos. Seus lábios e suas bochechas estavam cobertos por uma penugem espessa e sua voz começara a mudar.

Earl Sawyer foi até a casa dos Whateley com repórteres e operadores de

*image
not
available*

de Valpurgis e no Halloween e, em 1926, a pobre criatura disse a Mamie Bishop que tinha medo dele.

– Ele tem mais mistérios do que eu saberia explicá, Mamie – disse.

– E nesses últimos tempo têm acontecido cousas que nem eu sei. Juro por Deus, eu não sei o que ele qué nem o que tá tentano fazê.

Naquele Halloween, os barulhos da colina soaram mais alto do que nunca, e o fogo queimou na Sentinel Hill, como de costume, mas as pessoas prestavam mais atenção aos gritos rítmicos de vastas revoadas de bacuraus anormalmente tardios que pareciam estar reunidos na escura propriedade dos Whateley. Depois da meia-noite, suas notas estridentes irromperam em uma espécie de cachinada demoníaca que preencheu todo o campo, e eles só se acalmaram quando amanheceu. Então desapareceram, voando para o sul, onde deveriam estar se não fosse um mês de atraso. Ninguém poderia ter certeza do que isso significava até acontecimentos posteriores. Nenhum dos camponeses parecia ter morrido, mas a pobre Lavinia Whateley, a albina retorcida, nunca mais foi vista.

No verão de 1927, Wilbur consertou dois galpões no pátio e começou a mover seus livros e objetos para eles. Logo depois, Earl Sawyer disse aos desocupados do armazém de Osborn que estava sendo feito mais trabalho de carpintaria na fazenda dos Whateley. Wilbur estava fechando todas as portas e janelas do térreo e parecia estar tirando partições, como ele e o avô haviam feito no andar de cima, quatro anos antes. Ele estava morando em um dos galpões, e Sawyer achou que ele parecia incomumente preocupado e trêmulo. As pessoas geralmente suspeitavam que ele sabia alguma coisa sobre o desaparecimento de sua mãe, e pouquíssimas delas se aproximavam de sua vizinhança agora. Sua altura aumentara para mais de dois metros, e ele não mostrava sinais de cessar seu desenvolvimento.

V.

O inverno seguinte trouxe um evento não menos estranho do que a primeira viagem de Wilbur para fora da região de Dunwich.

A correspondência com a Biblioteca de Harvard, a Biblioteca Nacional da

*image
not
available*

parte terrível desse horror intrusivo e vislumbrou um avanço infernal nos domínios do pesadelo ancestral e antes inerte. Ele trancou o *Necronomicon* com um arrepio, mas o quarto ainda tinha um fedor profano e não identificável.

– Como uma imundície, vós os conhecereis – ele afirmou. Sim, o odor era o mesmo que o deixara enauseado na casa dos Whateley menos de três anos antes. Pensou em Wilbur, com sua aparência acabrunhada e ameaçadora, e riu ironicamente dos rumores da aldeia sobre sua paternidade.

– Consaguinidade? – Armitage murmurou meio em voz alta para si mesmo. – Meu Deus, que simplórios! Mostre-lhes O Grande Deus Pan de Arthur Machen e eles pensarão que é um mero escândalo de Dunwich! Mas que tipo de coisa, que influência disforme amaldiçoada dentro ou fora deste mundo tridimensional, era o pai de Wilbur Whateley? Nascido na Candelária, nove meses depois da Noite de Walpurgis de 1912, quando a conversa sobre os estranhos ruídos subterrâneos chegou até Arkham. O que andou nas montanhas naquela Noite de Walpurgis? Como o horror de Roodmas se fixou no mundo em carne e sangue meio-humanos?

Durante as semanas seguintes, o dr. Armitage começou a coletar todos os dados possíveis sobre Wilbur Whateley e as presenças sem forma em torno de Dunwich. Entrou em contato com o dr. Houghton, de Aylesbury, que havia atendido o Velho Whateley da última vez em que estivera doente e encontrou muito a ponderar nas últimas palavras do avô, conforme citado pelo médico. Uma visita a Dunwich Village não revelou muita novidade, mas um exame minucioso do *Necronomicon*, daquelas partes que Wilbur procurara tão avidamente, parecia fornecer novas e terríveis pistas sobre a natureza, os métodos e os desejos do estranho mal que tão vagamente ameaçava este planeta. Conversas com vários estudantes de tradição arcaica em Boston e cartas para muitos outros nos mais variados lugares deram-lhe um crescente espanto que foi passando lentamente por vários graus de alarme até chegar a um estado de medo espiritual realmente agudo. Enquanto o verão se aproximava, ele sentiu vagamente que algo deveria ser feito sobre os terrores ocultos do vale do alto Miskatonic, e sobre o ser monstruoso conhecido pelos humanos como Wilbur Whateley.